



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia de posse de Crispiniano Neto, na cadeira de Câmara Cascudo, na Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC)**

**Rio de Janeiro-RJ, 1º de agosto de 2008**

Meus companheiros e minhas companheiras,

Companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,  
Juca Ferreira, ministro interino da Cultura,

Nosso querido companheiro Gilberto Gil, ministro ontem, hoje e depois de amanhã,

Companheiro Crispiniano Neto, grande companheiro de momentos difíceis, de momentos incertos, mas que terminou dando certo,

Meu caro Gonçalo Ferreira da Silva, presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, na pessoa de quem saúdo os demais membros da Academia aqui presentes,

Meus companheiros e minhas companheiras,

Antes de qualquer coisa que eu possa ler aqui, há mais ou menos 25 anos eu ia muito ao Nordeste. Primeiro, viajava muito ao Nordeste para a gente organizar o Movimento Sindical Brasileiro, já a partir de 1978, quando os metalúrgicos do ABC fizeram a primeira greve. Depois, no começo de 1980 viajava muito pelo Nordeste para organizar o Partido dos Trabalhadores. Depois, lá pelos idos de 1981/1982, viajava muito pelo Nordeste para organizar a Central Única dos Trabalhadores. E depois “desgramei” a andar pelo Nordeste para participar de eleições: para prefeito, para governador, para presidente. Viajei tanto que perdi três eleições.

Quantas vezes, fazendo comício, Sérgio Cabral, ao meio-dia, na Feira de Sousa, na Paraíba. Eu me lembro de um dia em que precisaram jogar água



em cima do caminhão porque o assoalho era de ferro, queimava o pé, a gente sentia até cheiro de bife fritando, e era a sola do sapato derretendo. Quantas vezes este companheiro esteve junto em todos esses momentos.

Agora é mais fácil, ele é secretário de Cultura, é da Academia Brasileira de Cordel, portanto um “cabra” importante, e eu, presidente da República. Mas a nossa amizade é eterna e sincera porque nós nos conhecemos em tempos de aventuras, em tempos incertos, em tempos que grande parte das pessoas não acreditava na gente.

A gente chegava numa cidade, Crispiniano... Nunca vou conseguir fazer 10% do que ele faz, mas eu pedia, tinha duas coisas na vida que eu pedia... Eu tinha um companheiro em São Bernardo, que você conheceu, o Djalma, que toda vez que a gente começava a tomar cerveja, eu falava: Djalma, canta aquela. Aquela era: “Tu és divina e graciosa...”. E o Djalma tinha que cantar. Ele já não podia me ver que eu falava: canta aquela. Crispiniano também: Crispim, aquela do martelo. Crispiniano vai, a do martelo. Na época, o Solidariedade tinha feito a grande greve da Polônia. O Walessa era um grande dirigente sindical do Leste Europeu. E tome martelo. Dizia mais ou menos assim: “Meu martelo tem uma força incrível, sempre avança, apesar de perseguido. Se esconde no peito do oprimido e suporta calado a dor horrível, mas na hora que explode é invencível”. E tome martelo.

É com esse trecho de um martelo agalopado do poeta Crispiniano Neto, que quero começar saudando a todos vocês e ao mais novo imortal da Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Escutei dezenas de versos, e posso dizer a vocês que a primeira vez que escutei isso foi na greve do ABC. Eram cantados de lado, para animar a peãozada. Crispiniano fazia a sua apresentação e depois a gente cantava “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré. Depois a gente cantava o Hino Nacional para não apanhar da polícia, mas apanhávamos assim mesmo, não tinha jeito.

Naquele tempo – estou falando de 30 anos atrás –éramos mais novos,



mais jovens. De vez em quando despertávamos emoções que hoje não despertamos mais nos corações de homens e mulheres. Crispiniano era neto, hoje já é avô. Com este companheiro e com outros viajamos muito, mas muito mesmo. Viajamos muito pelo Nordeste brasileiro.

Eu tinha um defeito: a cada eleição que eu perdia, ficava choramingando em novembro e dezembro, e em janeiro eu falava: tenho que sair para viajar para levantar o moral da tropa. E “tome” viajar pelo Brasil. Falava como se tivesse ganhado, mas tinha perdido. A tropa mantinha-se aliada e pronta para a batalha.

De lá para cá, nestes 30 anos, muita coisa mudou. Vocês percebem que o companheiro Crispiniano virou personalidade, eu virei presidente. Por isso, é uma alegria extraordinária reencontrar o companheiro Crispiniano que fez, não apenas o Gilberto Gil ficar emocionado, mas fez o nosso filho de sergipano, governador do Rio de Janeiro, saber de uma coisa importante: o nordestino é muito mais capaz do que muita gente aprendeu a entender. O que os nordestinos precisam, na verdade, é que seja dada ao Nordeste a oportunidade que foi dada a outros estados do País há tempos.

Penso que o companheiro Crispiniano fez por merecer esta honra, escrevendo, ao longo da vida, mais de 150 folhetos de cordel, sempre engajado na luta pela preservação desta arte popular brasileira que Patativa do Assaré cantou assim:

*“Meu verso rasteiro, singelo e sem graça, não entra na praça, no rico salão. Meu verso só entra no campo e na roça, na pobre palhoça, da serra ao sertão”.*

Meus companheiros e minhas companheiras,

Dizem os especialistas que a literatura de cordel já existia no tempo dos conquistadores greco-romanos e que chegou à Península Ibérica por volta do século 16. Mas o certo é que o cordel se naturalizou brasileiríssimo quando sobrevoou o sertão nordestino, provavelmente nas asas de um pavão



misterioso, que *“tinha cabeça, pescoço e bico / alavanca, chave e botão / voava igual ao vento / para qualquer direção”*.

O cordel é hoje uma das mais genuínas demonstrações da genialidade do povo brasileiro, e nos presenteou com clássicos do quilate de “Romance do Pavão Misterioso”, de João Melchíades Ferreira, “História da Donzela Teodora”, de Leandro Gomes de Barros, e “A Chegada de Lampião no Inferno”, de José Pacheco, entre tantas coisas boas.

Quem foi menino no sertão e não vibrou com “As Proezas de João Grilo”, de João Martins de Athayde? Quem cresceu num Nordeste, outrora esquecido pelos governantes, e não sonhou com uma “Viagem a São Saruê” de carona dos versos de Manoel Camilo dos Santos? Quem não se encantou com as obras-primas de J. Borges e outros gênios da xilogravura?

Não há nordestino que não se orgulhe de ter nascido na mesma terra de Patativa do Assaré, Zé da Luz, Cego Aderaldo e Zé Limeira, sendo que este último, de tão genial e absurdo, dizem até que nem existiu. Mas este orgulho não é só nordestino, é brasileiro. É de cada homem e de cada mulher nascido neste país que nos deu Heitor Villa-Lobos, Tom Jobim, Luiz Gonzaga, Machado de Assis, Guimarães Rosa, Jorge Amado, e até Gilberto Gil. E que também nos deu os anônimos cantadores de feira e os grandes mestres da literatura de cordel, gente quase sempre humilde que soube como poucos escrever e cantar as alegrias e as dores, a realidade muitas vezes dura e o rico imaginário de uma terra encantada chamada Brasil.

Parabéns à Academia Brasileira de Literatura de Cordel. Parabéns ao companheiro de ontem, de hoje e de sempre, agora muito mais importante, o nosso querido companheiro Crispiniano Neto.

Crispiniano, eu só posso te dizer uma coisa: valeu a pena. Você percebe que não há espaço para um brasileiro ou uma brasileira desanimar. A vida é uma coisa tão genial, que se a gente teimar em brigar com ela, a gente perde. Quando Zeca Pagodinho escreveu aquela música “Deixa a vida me levar”, ele



estava dizendo que não há tempo de a gente ficar desanimado, ficar encabulado, ficar achando que está perdido, levantar azedo e achar que as coisas não vão dar certo.

Cada um de nós – você é um exemplo, eu sou outro exemplo, e possivelmente aqui esteja cheio de exemplos – se lutar, se perseverar, a gente conquista aquilo que quer. Seria importante, Crispiniano, que você pudesse, junto com outros companheiros, outros poetas nordestinos – viu, Juca? – organizar mais essas coisas pelo Brasil. No Nordeste já não precisa mais cantar tanto cordel, porque as pessoas já sabem. Lá tem criança que, ao nascer, em vez de chorar já fala um cordel para a mãe.

Eu penso que temos que nacionalizar essa coisa, levando para as bandas do Sul, para as bandas do Sudeste, porque muitas vezes tem... Em São Paulo tem um núcleo de nordestinos, no Rio de Janeiro tem um núcleo de nordestinos, mas não é de nordestino para nordestinos, é de brasileiro para brasileiro, de brasileira para brasileira.

Os chamados “artistas eruditos”, ou aqueles que gostam das coisas eruditas, é importante conhecerem isso. Eu dizia que não gostava de música clássica, não achava... Um dia, ganhei um prêmio na Áustria, em 1980, e fui receber o prêmio na Áustria. Fui a um concerto e nunca vi coisa tão extraordinária na minha vida. Passei a gostar de música clássica. Eu fico imaginando as pessoas que falam “Não gosto de cordel, isso é coisa de nordestino, isso é coisa lá do sertão”, que viessem aqui ouvir uma demonstração extraordinária como esta que o Crispiniano fez, e que o vissem motivado pela luta libertária de criar um partido político, de mexer com a grande burguesia nacional, para vê-lo colocar a emoção nos cordéis, nos poemas que ele fala. Quantos Crispinianos não estão espalhados pelo País, que ainda não tiveram a oportunidade que você já teve?

Essas coisas, Juca, precisam percorrer o Brasil, porque normalmente a televisão brasileira leva para o Nordeste e para o Norte a cultura do Sul, para



que a gente aprenda. É preciso trazer também de lá para cá, para que o Brasil aprenda que existem muito mais coisas no Brasil do que apenas a parte mais rica.

Esse é um desafio. Eu sei que o Gilberto Gil, Crispiniano, apanhou muito quando ousou distribuir o dinheiro da cultura pelo Brasil. Diziam: “dá um pouquinho para a Amazônia, para o Acre, para Pernambuco, para o Rio Grande do Norte, para a Paraíba, para Roraima...”. Houve brigas, acusações e até ofensas, porque estava tudo apenas no chamado eixo desenvolvido do Brasil. Você entra nas universidades, os grandes pesquisadores, a grande maioria, são todos também da mesma região.

Se a gente não inverter essa situação, o Brasil sempre será um país que, de um lado, parece altamente desenvolvido e, de outro lado, altamente empobrecido. É por isso, Crispiniano, que resolvemos mudar um pouco a lógica; é por isso que hoje o Nordeste cresce mais que o Sul e o Sudeste; é por isso que o consumo está crescendo mais no Norte e no Nordeste; é por isso que a desnutrição infantil diminuiu em 74% no Nordeste; é por isso que estamos fazendo 214 escolas técnicas no Brasil, 12 universidades novas e 48 extensões universitárias; e é por isso que estamos repartindo o dinheiro do Pronaf para o Nordeste, porque antigamente só ficava no Sul do País.

Nada contra o Sul, até porque devo tudo o que sou ao Sudeste, mas é preciso que a gente entenda de uma vez por todas: o povo nordestino não quer ser visto no Sul e no Sudeste apenas como ajudante de pedreiro ou pedreiro, ou como pobre que mora em favela. Aliás, foi o Nordeste que produziu Patativa do Assaré, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Gilberto Gil, Caetano Veloso. O Chico Buarque tem coisa do Nordeste, o pai dele era do Nordeste.

Um povo que produziu tanta coisa boa precisa apenas que a gente abra a porteira das oportunidades para o conjunto do Brasil. Isso, Crispiniano, você é testemunha de que estamos fazendo. Eu tenho certeza que seu filho e seu neto vão colher um Nordeste que eu não colhi e você não colheu. Se nós



conseguimos vencer, mesmo sem ter as oportunidades quando precisávamos ter, certamente outros nordestinos vencerão. Um dia seremos um país de iguais, um país em que, quando se vir um nordestino, não se diga que ele vai apenas construir ponte ou casa porque ele é pedreiro, mas se diga que ele é engenheiro, médico. E que digam, em alto e bom som: “é lá que nascem os grandes poetas brasileiros”.

Parabéns, Crispiniano.

Viva o cordel!

(\$211A)